ENTREVISTA

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro



Entrevistado em 21 de fevereiro de 2014
por Eduardo Sombini, Gustavo Teramatsu e Luciano Duarte

Perto de completar 87 anos de idade, o professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro nos recebeu para uma conversa em seu apartamento no bairro do Cambuí, em Campinas. Naquela tarde, pudemos ouvi-lo contar, em detalhes, memórias de sua juventude e de sua vida pessoal e de sua trajetória profissional – que se confundem, como ele mesmo diz, com a Geografia brasileira da segunda metade do século XX.

Boletim Campineiro de Geografia: Professor Carlos Augusto, gostaríamos que você falasse da sua trajetória, contando um pouco da sua vida em Teresina até o momento em que chegou ao Rio de Janeiro para cursar Geografia.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro: Eu nasci em Teresina, em 1927. Lá pelo ano de 1935, mais ou menos, meu pai comprou uma coleção da Editora Jackson, que chamava *Lands and People*. Eu fiquei encantado. Eram 6 volumes, um para cada continente. Eu olhava as figuras e gostava muito. Na época, eu aprendia inglês, e então eu treinava meu inglês naquele texto. A coleção não era grande coisa – imagine, as ilustrações eram dos anos 1920. Mas, em todo caso, aquilo me fascinava. Já era um ar de vagabundagem, de gostar de viajar, de ver o mundo, e isso foi interessante. Eu gostava muito da escola, gostava de estudar, e eu não tinha problema na escola primária. Nem mesmo de matemática, já que minha professora era muito boa, dona Adelaide Fontenelle. Se quisessem me castigar, me declaravam que eu não podia ir à escola, porque estava gripado, porque estava com isso ou aquilo. E eu gostava muito de estudar.

Minha adolescência foi meio atribulada, porque meu pai era meio irresponsável. Meio, não, era totalmente (risos). Andava sempre pirateando, namorando, e a coitada da minha mãe sofrendo. Então, minha adolescência foi muito, muito ruim, muito atribulada. Primeiro, a falta do pai, quando ele se separou da minha mãe – porque toda criança tem pai, e a gente não ter é meio humilhante. E depois, ele foi um padrasto para mim. Depois de um certo tempo, eu escrevi sobre a nossa família e o Piauí, uma obra de 1993 e que ainda hoje está inédita, só agora estão saindo os primeiros volumes. E eu sofri muito na adolescência. Quando cheguei aos 18 anos, eu vim embora para o Rio. Um amigo nosso arranjou uma passagem para eu tentar fazer um vestibular. Mas eu já sabia que eu não tinha nenhum preparo. Foi mais para aproveitar a passagem. Então, eu vim para o Rio e aí comecei. Um tio me arranjou um emprego de cobrador. Eu gastava sapato, andando nas casas, cobrando o trapiche, que é um depósito de cais de porto. Eu cheguei no Rio em 26 de abril de 1946. Eu vi a chegada da Força Expedicionária, a presença de Getúlio, desfilando. E só pude fazer o vestibular em 1947, ou seja, em 1947 começou a minha vida na Geografia, quer dizer, no ensino superior. Por isso, eu faço questão de me declarar um geógrafo brasileiro da segunda metade do século XX. Porque há a primeira metade toda, onde a grande figura de geógrafo é o Delgado de Carvalho, e alguns outros, mas o Delgado de Carvalho é que tem uma vida muito especial. É um homem que vem para o Brasil, que era a terra dele, mas ele nasceu em Paris, porque o pai dele era diplomata; foi criado na Inglaterra, onde ele se alfabetizou. Depois, quando ele era nosso professor

de História Moderna e Contemporânea, a gente fazia uma pergunta e ele dizia: "Espera aí, meu filho, eu só sei contar em inglês" (risos). O que é verdadeiro. Eu mesmo, cheguei a falar francês e os personagens nos sonhos falavam francês, que é o momento em que você se liberou da língua. Mas, contar, jamais eu conto em francês. Ainda mais com o *quatre-vingt-dix-huit*, não dá (risos).

Eu comecei no momento em que a Geografia estava em uma nova fase, a Geografia moderna. Tinham criado a Universidade do Brasil – os portugueses nunca fundaram universidades. Os espanhóis sempre fundaram, mas os portugueses, no final, admitiram a escola de medicina, de engenharia; mas a universidade, vocês sabem, foi de 1934, em São Paulo e no Rio de Janeiro. E, nesse momento, estava se vivendo uma Geografia moderna, tutelada pelos franceses, que vieram principalmente para a Universidade de São Paulo e foram formando as primeiras turmas. Tem uma dupla de amigas a quem, inclusive, eu dediquei este último livro, *O Cristal e a Chama*[1]*:* a Maria Conceição Vicente de Carvalho e a Olga Leite Pinho Buarque de Lima. A Maria Conceição era filha do poeta Vicente de Carvalho, famoso em São Paulo, santista. Ela foi assistente do Pierre Monbeig e foi a primeira doutora na Geografia do Brasil, em 1944. Isso ela dizia: "esse título ninguém pode me tirar". Era uma grande amiga. No tempo em que estive na França, ela estava também, a gente fez muitos passeios juntos. E eu devo muito a ela. Ela e a Olga Buarque de Lima trabalhavam com o Delgado de Carvalho na seção cultural, e eu estava estudando e entrando na Geografia.

O pessoal se reunia na AGB, mas, no início, eu não tinha condição de ir à AGB. A AGB se reunia, eram umas vinte e poucas pessoas. Eu me lembro de um ano, que a AGB foi em Goiânia, e a Dora de Amarante Romariz falou com o Brigadeiro, aquele que foi candidato à presidência da república – Eduardo Gomes – para arranjar um avião da FAB e para dar passagem para o pessoal. Agora, imagina, umas 30 pessoas. E a arraia-miúda, por exemplo, eu, só ia ao aeroporto ver o embarque do pessoal, mas não podia ir.

A Geografia juntava o pessoal do Rio e de São Paulo, que, apesar de sempre manter uma tradição de bairrismo, no caso da Geografia não era assim. O pessoal do Rio respeitava muito o pessoal de São Paulo, e o pessoal de São Paulo tinha amizade com o pessoal do Rio. A AGB foi uma catalisadora. Realmente, fez um papel de difusão da Geografia, muito bem feito. E que mudou: quando a gente chegou, em 1978, na assembleia de Fortaleza, houve uma reviravolta completa.

1 *O Cristal e a Chama* (Editora da UFGD, 2013) é a mais recente obra publicada de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Foi editado pela ANPEGE e lançado em Campinas, durante o X ENANPEGE, em 8 de outubro de 2013. O segundo volume desta obra está no prelo.

Como tudo na vida, tudo muda. Chega um determinado momento em que as coisas mudam.

Eu entrei para a faculdade orientado por uma moça que fazia um curso com o Emilio Mira y López, um famoso professor espanhol que fazia teste de personalidade. Ela estava fazendo o curso e me pegou de cobaia para fazer a indicação. No fim, ela disse que eu era muito voltado para a arte, mas que eu devia estudar história da arte. Mas não havia um curso especial de história da arte, então, que eu fizesse Geografia e História. Eu aceitei a ideia, dei uma estudadinha, mas nem pensava que ia ser aprovado. Mas, na prova de inglês caiu um texto do Aldous Huxley, "Um ensaio sobre arte". Hoje em dia, eu não sei se caísse um texto desse, se seria bom para a meninada (risos), porque era meio difícil. Além do assunto, era o Aldous Huxley, que não era sopa. Mas eu sei que eu passei, e entrei no curso, por História. E logo no final do primeiro ano, eu já estava voltando a cabeça para a Geografia Física e deixando a História. Porque, depois eu pensava: "História Antiga e Medieval... eu não sou milionário para estudar Arqueologia e andar pelo mundo atrás disso. Eu tenho que ver uma coisa da minha realidade". Arte era difícil. Por exemplo, eu cheguei a começar a iniciação musical. Até a moça que me orientou era filha de uma professora famosa de piano, que me deu umas aulas de iniciação. Mas eu era pobre, não tinha recurso. Primeiro, eu não tinha piano, ia estudar onde? E, se tivesse que estudar, precisaria de uma dedicação de ao menos oito horas por dia, para ser um bom músico, e eu não tinha condição. Então eu tinha que fazer alguma coisa para ser professor, para ganhar um dinheiro, e daí continuar outras coisas.

O responsável por essa captura era o professor francês, Francis Ruellan, o equivalente ao Pierre Monbeig em São Paulo. Ele tinha feito Geografia, tinha sido aluno do Emmanuel de Martonne, e depois ele foi fazer um estágio no Japão. Inclusive, eu fui visitar, depois, onde ele se instalou em Kyoto. Ele foi trabalhar no Japão e a tese de doutorado dele foi sobre o maciço do Kwansai, na região de Osaka – um maciço rochoso que tinha problemas de geomorfologia – e ele defendeu a tese dele lá. Depois fez intercâmbio e criou um centro de Geografia em Kyoto, que eu depois fui visitar. Vi a tese dele do doutorado, que eu nunca tinha visto, bem ilustrada, com umas fotografias. E ele trabalhava enquanto o Paul Claudel, o poeta, era o embaixador da França no Japão. Foi com quem ele trabalhou, e depois ele viveu uns oito anos no Japão. Em seguida, ele foi para Cuba. Quando ele estava em Cuba, e ia para a França, estourou a Segunda Guerra Mundial. Ele desviou da França e veio parar no Brasil (risos). Isso caro custou a ele, porque os colegas dele – eles vão fazendo a titulação e vão assumindo os postos nas universidades –, nunca o perdoaram porque, em vez de ir para a França, veio se

refugiar no Brasil, longe da guerra. E ele viveu quatorze anos aqui no Brasil. Ele era professor, chegou a ser professor de Geografia do Brasil – coisa que não podia ser, porque estrangeiro não podia dar nem História nem Geografia do Brasil. Ele trabalhava na faculdade e trabalhava como consultor no Conselho Nacional de Geografia. Então, ele treinava os geógrafos que faziam o curso na Nacional de Filosofia, que naquela época era Universidade do Brasil. Porque o Rio de Janeiro era a Capital, então, Universidade do Brasil. O Rio de Janeiro era a capital e a universidade era Universidade do Brasil, sediada na capital, que era o Rio de Janeiro. E hoje, é a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mas não tem confusão, essa faculdade foi onde eu estudei.

O Ruellan treinava o corpo de geógrafos. A primeira campanha dele de treinamento foi em Diamantina, Minas Gerais. Então, o pessoal ia e fazia levantamento topográfico, inquérito de Geografia Humana, de produção agrícola. O pessoal trabalhava intensamente, fazia o trabalho de campo e técnicas de questionário e todas essas coisas. Tanto de Geografia Física como de Geografia Humana. Isso é interessante, porque quando eu entrei lá, o pessoal falava nas histórias de Diamantina, tinha sempre coisas cômicas. Eles comentavam muito. Depois desse treinamento de Diamantina, teve um outro famoso, na Serra das Araras. Uma serra em que, nos anos 1960, teve uma chuva, um dilúvio, e ela ficou toda sulcada de voçorocas, de deslizamento de terra. A Serra das Araras era também famosa na memória do pessoal.



Tinha o *Boletim Geográfico*, a *Revista Brasileira de Geografia*, que era um pastiche da americana, mas que era muito boa e que durou até agora, há pouco tempo. Eu escrevi um artigo sobre a tese do Sternberg, que foi meu professor. Era um brasileiro com esse nome, Hilgard O'Reilly Sternberg. Ele era filho de mãe irlandesa católica e de pai judeu alemão. Ele tinha pavor do comunismo, então, quando chegou um determinado momento, pré-revolução, ele ficou com medo, porque disse que viu uma professora de alemão quase ser atacada pelos alunos. Aí ele foi embora para os Estados Unidos. Foi professor em Berkeley muitos anos, trabalhando sobre a Amazônia, e ele vinha todos os anos para continuar as pesquisas dele na Amazônia. A tese dele foi sobre a Ilha do Careiro, que é na vizinhança de Manaus, praticamente na confluência do Solimões com o Amazonas.

Ele fez um trabalho que era muito avançado, quer dizer, naquela época ninguém falava em modelo, nem nada, e ele já tinha essas ideias muito bem ilustradas. Era a bacia leiteira de Manaus, então, a criação de gado que era feita – na época da enchente, tinha que colocar o gado naquelas grandes barcaças e sair pelo rio à procura de capim. Então, ele fez um trabalho muito interessante. Ele era um ótimo geógrafo. Tem um trabalho dele sobre um desastre meteorológico que aconteceu em Minas Gerais e no estado do Rio, em que houve muita queda de barreiras e inundações, foi uma calamidade. E ele fez um trabalho que eu sempre apontei para os meus alunos, porque era o típico trabalho integrado de Meteorologia, Geografia, História, a evolução da cultura do café. Era um trabalho precioso, um trabalho obrigatório para os meus alunos. Eu nunca me meti nessas histórias, se ele tinha medo do comunismo, que tivesse, ou que não tivesse. Nunca me incomodei com política, eu dava o valor que eu achava pelo lado da Geografia, no mais, não me interessava.

BCG: Na graduação você já fazia estágio no IBGE?

CA: O mais importante é isso. Bom, o professor Ruellan, ao mesmo tempo em que era técnico do IBGE e da faculdade, entrou em uma das várias comissões que se criaram na época, para fazer um estudo sobre a localização da nova capital. Era antes do Juscelino, mas era uma coisa antiga, que vinha desde 1917, quando um belga, não sei ao certo, fez um estudo e indicou uma área para ser a capital. Eu sei que tinha esse grupo que o Ruellan preparou, com aquela mania de fazer treinamento à base militar – ele usava um apito e dividia a turma em grupos. Tinha cinco grupos, tinham os caminhões do Exército, que quebravam as pontezinhas precárias do Centro-Oeste naquela época. E eu sei que a gente foi para passar um mês, que era o mês de férias. Mas quem disse que a gente passou um mês? Nós passamos os meses de julho e agosto inteiros. Quando voltei tinha perdido meu emprego! Minha prima tinha me arranjado um emprego no Departamento Nacional da Criança. Naquela época, os Ministérios da Saúde e Educação eram juntos, depois é que separaram – e hoje tem tantos ministros que eu nem sei quantos são, dezenas –, mas, naquela época, era uma meia dúzia, uns oito ministérios davam para o gasto. Então, eu perdi meu emprego e eu estava em um grupo dirigido pelo Antonio Teixeira Guerra, pai do Guerrinha [Antônio José Teixeira Guerra], que é geomorfólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele e a Ignez Amélia da Silva Leal, com quem se casou, são os pais dele. E eu nunca mais vi a Ignez, a gente era tão amigo. A gente trabalhava o dia inteiro, quando chegava de noite, parava. E o Guerra era muito caxias, fazia questão de trabalhar até o último raio de sol. Aí a gente parava e ia montar a barraca, o cozinheiro ia fazer a comida, a gente ia

colaborar com os enlatados, porque não tinha tanta comida assim. A gente ia comprando verdura por onde passava, mas era muito pouco habitado naquela época. A gente trabalhava, comia e depois ia fazer o relatório do dia. No relatório saía a maior gozação. Tinha um colega que já era do quinto ano do curso de Geografia e História, e ele era da Geografia Humana. Então, a gente se reunia para fazer a reunião, depois de trabalhar o dia inteiro, depois de armar a barraca, ainda fazer relatório. A gente estava com pressa para ir dormir. Então, a gente dizia assim – eu me esqueci o nome dele: "Fulano, vem logo com o teu relatório". E ele dizia: "A região por nós atravessada hoje, caracterizou-se pela policultura" (risos). A dona Ignez então dizia: "Cruzes, onde é que tu vistes policultura?". E ele dizia: "É porque vocês não saem do caminhão. Eu vi, tinha uns pezinhos de mamão, tinha verdura" (risos). Então, aquilo era policultura para ele. E assim, a gente fazia o relatório. Aí, um belo dia, o Ruellan chegava no jipe dele, com a secretária científica – tinha uma científica e uma administrativa. Essa secretária científica era uma colega muito querida, e hoje ela é presidente do Instituto Histórico e Geográfico[2]. Ela é de origem francesa, morava no subúrbio do Rio e foi secretária do Ruellan. Ela era muito eficiente, toda a parte científica ela coordenava, e tinha outra que era a administrativa.

E eu detestava o clima e a Lysia dizia: "Não! Você vai gostar, é interessante. É porque é preciso melhorar, tem umas coisas chatas, confundem com Meteorologia, mas você vai gostar, você vai se interessar". E eu dizia: "Eu acho difícil"

Quando nós voltamos, que eu tinha perdido o meu emprego, a turma com quem eu tinha trabalhado – até o Nilo Bernardes, com a Lysia, que sempre foram grandes amigos meus –, foi para o doutor Fábio de Macedo Soares Guimarães, diretor da Geografia no IBGE, e pediu a ele: "Olha, esse menino, a gente trabalhou com ele, se deu muito bem, e ele perdeu o emprego, porque foi por um mês e passou dois. Então, agora que estão admitindo auxiliar de geógrafo, era o caso de compensá-lo". Eu sei que fui nomeado, e foi um grande privilégio, porque eu tinha a faculdade, com a teoria, e eu comecei a trabalhar no IBGE e tinha direito a horário especial. Eu assistia as aulas e, depois, ia e trabalhava até a noite, até completar o horário.

O primeiro trabalho que eu fiz foi com a Lysia Bernardes, no setor de climatologia. Porque tinha o setor de estudos e tinham os setores regionais. Nessa

2 Cybelle Moreira de Ipanema (née Bouieu).

época, o IBGE estava mudando para o Edifício Astória, então um andar ficou para a seção de estudos. Tinha a cartografia, os estudos gerais, urbano, clima e agrária. O clima era dirigido pela Lysia Bernardes e fazia aplicação de classificação de Köppen pelos estados do Brasil. E eu detestava o clima e a Lysia dizia: "Não! Você vai gostar, é interessante. É porque é preciso melhorar, tem umas coisas chatas, confundem com Meteorologia, mas você vai gostar, você vai se interessar". E eu dizia: "Eu acho difícil". Porque minhas aulas de clima eram uma droga! Um professor muito bacana era um engenheiro civil, que estudava solos e a parte dele de Geomorfologia era muito boa. Quando ele fez a tese de professor titular, foi elogiado pelo Jean Tricart, porque era sobre problemas geomorfológicos e ele, então, advogava que a Geomorfologia podia se beneficiar de muitas técnicas da engenharia, inclusive da engenharia de solos. Aí eu entendia porque o meu irmão fez engenharia e a parte dele era cálculo de estrutura de solo.

Então, tem esse lado, do meu emprego, e do outro lado, o lado do progresso do ensino. Eu comecei a fazer o raio da climatologia (risos), depois, tinham as seções regionais. E aí, fui trabalhar com o José Veríssimo da Costa Pereira, que era um professor de Geografia antigo que não fez o curso de Geografia quando abriu a universidade, porque ele já era famoso. Era professor do Colégio Pedro II e tinha livro didático de Geografia publicado. Os autores eram José Veríssimo da Costa Pereira, Affonso Varzea – que era um historiador que misturou com ele para fazer geografia – e o Francisco Acquarone era o desenhista. Eles combinaram que, em vez dele ser pago, passava a ser co-autor. Foi um livro que rendeu. Teve muito boa aceitação como livro secundário de Geografia, inclusive no Colégio Pedro II.

E o Veríssimo não tinha feito o curso, como os outros fizeram – o Orlando Valverde, o Fábio Macedo Soares Guimarães, o Lindalvo Bezerra dos Santos, o Lúcio de Castro Soares. Então, a seção de estudos ficava em um andar e, acima dele, ficavam as seções regionais. Aí, eu fui trabalhar com o Veríssimo na seção regional do Centro-Oeste. Sempre tem alguma coisa que me empurra para o Centro-Oeste.

Meu primeiro artigo foi publicado quando eu estava na França – eu acabei o curso e fui para a França – e eu tinha deixado um artigo. No tempo em que eu era estudante, o Veríssimo trouxe um geógrafo norte-americano, de geografia econômica – Clarence Jones –, e estava organizando, com ele, uma grande expedição para o Centro-Oeste. Então, ele ia fazer o Pantanal. E o professor trouxe o cinegrafista e iam fazer cinco documentários sobre as diferentes regiões – o Pantanal, as regiões do Mato Grosso. Eu não podia ir, porque estudava, e tinha meu horário especial. Mas, então, ele disse: "Você estuda, você lê o Adalberto Serra,

você vê essa novidade de massa de ar, e você faz esse trabalho sobre o clima do Centro-Oeste, que é um trabalho de gabinete. Você arranja os poucos dados – que naquela época havia sobre a vastidão do Centro-Oeste – e quando nós voltarmos, você tem esse artigo já publicado". Esse artigo, o pessoal se admira. Eu era aluno do segundo ano, quando eu comecei a fazer a pesquisa, o levantamento, e ele foi publicado no ano em que eu estava na França, em 1951. Mas todo mundo se admira, e eu não era nem geógrafo, não tinha terminado o curso, era aluno do segundo ano. Mas eu já tinha aprendido umas boas coisas com a Lysia e então eu me meti e foi o meu primeiro artigo. Até hoje tenho, é um trabalho histórico (risos). Eu me empenhei para fazer o melhor que eu pude, mas foi o primeiro trabalho. Está registrado, foi o meu *début*, apareci ali[3].



Aí eu tive a bolsa de estudos. O professor Ruellan sempre arranjava, porque também era da política cultural da França, depois da Guerra, retomar o tempo perdido. Antigamente a França era mais ligada com o desempenho artístico, e o científico era para os Estados Unidos, para a Inglaterra, e a França era para as artes. Mas aí, a adido cultural, no Brasil, era uma mulher. Ela era matemática e casada com um astrônomo que dirigia o observatório de Paris. E ela se empenhou, também, em dar importância à ciência. Então a Geografia sempre ganhava bolsa, a Medicina, uma série de áreas. Então, quando acabou a Guerra, foi uma turma de vários geógrafos. Tinha a Elza Coelho de Souza Keller, que até é filha de Campinas. Ela tinha casa aqui e é uma grande amiga. Fomos colegas lá em Rio Claro e ela se desligou da Geografia, mas era uma grande geógrafa. A Elza foi uma que foi para Montpellier. Tinha o Miguel Alves de Lima que foi para Paris, e lá fez amizade com o Tricart. Então, essa primeira turma foi, depois ia o Alfredo Domingos.

BCG: Isso em 1950?

CA: Não, a minha bolsa saiu em 1951. Eu embarquei no navio da *Chargeur*

3 O artigo *Notas para o estudo do clima do Centro-Oeste Brasileiro* foi publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIII, v. 13, n. 1, pp. 3-46, jan./mar. 1951.

Réunis, o Lavoisier, na noite do dia de finados. Eram dois navios gêmeos, o Lavoisier e o Claude Bernard. O Lavoisier saiu na noite do dia de finados. Uns amigos foram, inclusive a Olga foi me deixar no navio. E a gente chegou no Havre no dia 15 de novembro, dia da Proclamação da República. Naquele tempo se viajava treze dias. E quando chegou no Golfo da Gasconha, aí todo mundo enjoou, o mar ficava agitado. E era animado, tinha festas na travessia do Equador, essas coisas todas de viagem de navio. Era muito agradável, mas tinha um "castigozinho" também. Durante uns dois ou três dias o pessoal ficou no camarote sem sair, não podia ver comida.

Aí é a parte francesa. Eu passei no Instituto de Geografia, tive aula com o que tinha de melhor, que era o André Cholley, o professor de Geografia Física. Assistia também aula do Pierre George, que era de Geografia Humana. Mas, já na época, eu estava mais envolvido com a Geografia Física. Eu passei esse ano lá. O Ruellan vinha na época das férias e sempre fazia uma excursão com a gente. A única coisa que os colegas deixaram ele fazer foi dirigir um laboratório de Geomorfologia na *École Pratique des Hautes Études*, que é uma coisa que os franceses têm muito. Tem a carreira acadêmica, direta; e depois tem uma coisa auxiliar, por exemplo – na França tem muita gente assim -, um padre que gosta de Geologia e começa a pesquisar por conta dele. Então essas pessoas que têm um desempenho em qualquer ciência, mas que não tem a solidez da formação, tem essa escola de altos estudos para isso. Então nesse laboratório, estava começando a importância da Geomorfologia Dinâmica, com o trabalho de sedimentologia, aquelas peneiras para fazer gráfico de solos. Antigamente, tudo era considerado fluvial, mas naquela época começou a se ver que tinha aquilo que eles chamavam de *head*, a cabeça, em cima dos pontões, era tudo de solifluxão do Quaterná-rio. Então, estava aconte-cendo uma revisão dessa parte. Fui, por causa da sedimentologia, para Rennes, na *École Nationale d'Agriculture*, porque tinha o professor Leopold Bertois, que era especialista em sedimentologia. E eu fui lá, trabalhei com ele, e o Ruellan me sugeriu uma área na Bretanha para fazer o estudo. Porque tinha uma hipótese de uma antiga captura hidrográfica em que deu nascimento a um vale afogado. Tinha uma hipótese de que havia um direcionamento fluvial numa direção, e depois houve uma captura e criou-se esse estuário. Bom, então eu fui, trabalhei lá com ele, foi muito interessante.

BCG: Esse foi o segundo ano que você ficou na França?

CA: Não, era o primeiro ainda, final do primeiro ano. No segundo ano, eu entrei um pouco em choque com o Ruellan, porque ele queria que eu fizesse um

estudo de uma área da Bretanha. Ele era bretão, então "puxava muita sardinha" para a área dele e queria que eu fosse estudar aquilo. Então eu disse: "Mas, professor, eu não vim para me titular, meu objetivo era complementar as deficiências que eu tive na formação. Se eu gosto de Geografia física... eu nunca estudei rocha, nunca estudei Geologia, não fazia parte do currículo. Então, eu quero aproveitar aqui. Nesse segundo ano, já que acharam que eu tive um bom desempenho e me julgaram merecedor da prorrogação da bolsa, quero ir para a faculdade de ciências. Tem um certificado lá, que se chama Geografia Física e Geologia Dinâmica. Então, eu quero ir lá, para fazer esse estudo". Então, lá tinha um tabuleiro de rochas, para você poder identificar, e ácido clorídrico para colocar, para ver se fervia e se era calcário. E microscópio, também, para você ver aquilo que você sabe em teoria – o granito, a gnaisse, e ali você vê. Nunca mais eu trabalhei com aquilo, mas aquilo me deu uma base, uma formação, uma segurança. Porque estudava rocha, tanto na parte de microscópio quanto do macroscópico. E fiz o exame de admissão, no final do ano.

Então, o Ruellan não gostou, mas eu fiz o tal do problema da captura, do estuário. Eu fui e terminei o trabalho. Deu um pequeno artigo, onde eu digo que a hipótese é bem fascinante, mas não se pode dizer que tenha acontecido isso, porque era preciso fazer sondagem e ver o mostruário das rochas ou do sedimento embaixo. Então, eu fiz esse artigo, que ele publicou no laboratório.

Eu sempre tive horror a carreirismo, de querer dar o pulo antes de ter capacidade para enfrentar

Depois, fui fazer prova escrita, prova oral e prova prática. Tinham os colegas, uma moça que era da Catalunha e uns rapazes que eram da África do Norte, do Marrocos. Eu sei que fizemos a prova escrita, oral e prática. Tinha uns trinta alunos, e eu tirei o oitavo lugar. Para mim foi uma coisa boa, eu me senti bem. E, ademais, eu tinha percebido, numa conversa com o professor Pierre Monbeig, que eles tinham uma certa leniência com esses coitados desses meninos que vêm da América Latina. Eu disse: "Olha, eu não quero caridade, quero me ombrear com os outros daqui. Não vou me abaixar para fazer um trabalho que eu já sei que tem uma boa vontade de fazer a gente ser aprovado". Eu fiz nessa igualdade de condição com os outros para me sentir confortável, me sentir bem. Eu sempre tive horror a carreirismo, de querer dar o pulo antes de ter capacidade para enfrentar.

Bom, então eu passei os dois anos. Não viajei, só fui à Inglaterra duas vezes, porque sempre fui meio apaixonado pela Inglaterra, desde o *Lands and People* (risos). Era mais do que a França. E depois, eu voltei para o Brasil meio frustrado,

porque, na minha timidez, eu jamais botaria uma mochila nas costas e iria fazer *auto-stop* nas estradas – coisa que todo mundo fazia. Os brasileiros iam para a Alemanha passear, e eu só fui à Inglaterra duas vezes. Bom, os franceses reclamavam, porque os franceses são meio grossos.

Mas aí eu voltei triste porque eu não tinha viajado, e quando é que eu ia poder voltar? O navio que voltei foi um inglês, chamado Andes, que era bem maior que os franceses. Aí, cheguei na Bahia e aconteceu uma coisa engraçada. No navio tinha a designação das mesas em que ficavam os passageiros. Na minha mesa tinha uma velhinha que tinha uma loja de coisas de costura no Rio de Janeiro e morava lá há vários anos. Tinha uma outra senhora, meio alemã, que morava no sul do Brasil. E tinha um casal chileno, a moça e o rapaz eram recém-casados e tinham uma filhinha. Então, quando a gente chegou na Bahia, ela disse assim: "Ora, eu gostaria tanto de ir ao Mercado Modelo para comprar umas coisas, mas não vou poder, porque tem a menina, a bebezinha aqui, e não podemos deixar e nem podemos levar para um mercado cheio de gente e de sujeira." Eu disse: "Não, eu sou brasileiro, não conheço a Bahia, mas qualquer hora eu vou conhecer. Então a gente pega um táxi, eu fico com o bebê, vocês descem e fazem as compras". Assim fizeram, e eu fiquei conversando com o motorista.



Mas quando eu vi a Bahia, aquele movimento, o Mercado Modelo – que eu não desci para visitar –, eu disse assim: "Que Europa, que nada, minha praia é essa aqui" (risos). Aí, dez anos depois, eu voltei à Bahia para dar um curso na Universidade Católica de Salvador. Mas aí, eu já tinha passado por outra experiência. Eu tinha voltado para o conselho, começado a trabalhar, mas estava numa fase muito ruim. Não se fazia excursão, tinha deficiência de veículos, e eu estava chateado, dizendo: "O que é que eu fui aprender na França, e o que é que eu vou aplicar aqui?". Não estava gostando de nada.

Com a Conceição Vicente de Carvalho, tinha ido a um congresso de História no sul do Brasil e ela, então, voltou de lá dizendo assim: "Olha, eu encontrei o João

Dias da Silveira" – meu colega, professor de Geografia Física, em São Paulo. O governador, na época, tinha dado permissão ao João Dias da Silveira para ir à Santa Catarina ajudar na montagem de um departamento de Geografia em uma faculdade catarinense de Filosofia, que era uma iniciativa privada, subvencionada pelo governo, e que estava sendo dirigida por um senhor já de idade que tinha sido desembargador, professor de direito, mas que depois dos 72 anos botou na cabeça que ele tinha que fundar uma faculdade de Filosofia, que é o estopim para a criação de uma universidade – toda universidade tem que ter uma faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Então, esse velhinho passou a dedicar a vida dele a criar aquela faculdade, apoiado nos padres jesuítas para a Filosofia, curso de letras neolatinas, anglo-germânicas e um departamento de Geografia, que foi o Silveira que criou. Então, quando o louco do Jânio Quadros entrou para o governo de São Paulo, mandou revogar aquilo e mandou voltar todo mundo que estava à disposição dos outros estados. São Paulo estava ajudando os outros estados e ele disse que não, que voltasse todo mundo, não queria mais ninguém fora. E o Silveira tinha que voltar. Aí, ele falou para a Conceição: "Pois é, mas eu não tenho ninguém de Geografia Física que esteja disponível a vir para cá". Aí a Conceição chegou – eu estava nesse problema – e me disse assim: "Ah, quem sabe você não aproveitaria". Eu disse: "Olha, até que eu gostaria da universidade, eu sempre gostei de ensinar". Eu gosto da universidade porque detesto esse negócio de fazer trabalho de encomenda. Na universidade eu devo fazer o que eu quero. Essa é a grande vantagem. E você trabalhar nesses lugares, você faz o que os outros encomendam, então é chato.

Peguei um dinheirinho que eu tinha, comprei a passagem, fui para Florianópolis e entrevistei o Silveira. Ele me mostrou o que ele estava fazendo – ele desenhava até estante, aqueles móveis para guardar livros e mapas. Eu me entusiasmei e disse: "Você sabe que eu venho?". Isso era o ano de 1955. Então, quando foi em outubro de 1955, eu fui para lá. E a minha saída, assim como meu emprego que perdi, foi outro golpe de sorte. Eu fui falar com o Nilo Bernardes, que era meu amigo e que, naquela época, era secretário. Eu disse: "Nilo, eu vou tirar dois anos de licença, sem vencimento, porque no funcionalismo pode fazer, para tratar de assuntos particulares". Aí ele disse assim: "Você não precisa, porque o Walter Egler está indo dirigir o Museu Goeldi, em Belém do Pará, e a mulher dele – que é geógrafa – tem o direito de acompanhar o marido, mas, além disso, nós vamos designar a mulher dele para ser uma representante junto ao diretório regional de Geografia – que não existia em Belém. Mas um dos raros estados que tinham o departamento estadual de Geografia e Cartografia era justamente Santa Catarina, e Minas Gerais também tinha. "Então, a gente põe você à disposição do

departamento lá e você pode conciliar, trabalhar no departamento", e eu trabalhava lá de manhã, e de tarde e à noite na faculdade.

Bom, aí fui chamando outros colegas para ir. O Armen Mamigonian eu não conhecia, ele foi indicado pelo Silveira. Eu convidei o Paulo Lago, que era do interior do Rio de Janeiro, e ele aceitou; veio também o Francisco Takeda. E eu sei que a gente foi fazendo das tripas coração, mas foi levando a faculdade.

Agora, acontece que foi tudo bem, eu merecia o maior apoio do velhinho, o desembargador Henrique da Silva Fontes, mas eu acabei me fascinando contra essa história de cargo, de coisa administrativa. Eu era membro da congregação. Era chamado professor catedrático contratado porque tinha um certificado europeu. Depois, fui também fazer parte do conselho técnico administrativo. Quer dizer, tudo por onde os outros acabam, eu experimentei no começo da minha carreira. E me fascinei contra isso. Só coordenei a pós-graduação, mas dirigir departamento, eu, aquela bagunça? Aquele bando de vaidade, de conflito, as pessoas brigando, querendo envenenar umas as outras? Criei um verdadeiro pavor.

Já que eu não gosto de Climatologia, eu vou fazer uma força para sair daquela classificação de Köppen e fazer uma coisa melhor do que eu tive, tanto no Brasil quanto na França

Em Santa Catarina, foi bom para mim porque eu estudei muito a Climatologia, o trabalho do Adalberto Serra. Eu dizia "Agora chegou a vez. Já que eu não gosto de Climatologia, eu vou fazer uma força para sair daquela classificação de Köppen e fazer uma coisa melhor do que eu tive, tanto no Brasil quanto na França" – porque a disciplina do certificado que eu tirei também era uma merda! E desculpe, já estou dizendo palavrão (risos).

Eu estudei muito e escrevi os primeiros artigos que saíram na revista que era editada no Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tem ali uma série de artigos dirigidos mais para o professor do secundário de Geografia que para o pesquisador, para fazer proselitismo: como é que se usa uma carta do tempo, aí juntava carta do Canadá, carta do Brasil, para mostrar o que as crianças poderiam fazer. E eu fazia essa experiência com os meus sobrinhos. Eu dizia: "Hoje você tem a temperatura aqui, então amanhã você vai pegar a temperatura, depois de amanhã, e você vai fazer um gráfico, para você saber a temperatura. E, aqui, essas isóbaras estão fazendo uma figura; aqui um círculo, aqui uma encontra com a outra, é uma frente". E assim os meninos foram se interessando e fizeram várias coisas, e aquela história de "você vai saber se esse final de semana vai dar praia ou

vai dar chuva". Eu fazia esses artigos para fazer proselitismo com os professores secundários.

Depois, eu fiz aquele artigo do clima da Região Sul porque, como o Adalberto Serra diz, "tudo vem do sul para o norte". Esse trabalho ficou com um caráter bem didático. Aí eu propus a história do ciclo vital de uma onda de frio. Naquela época eu fiz isso, agora, hoje, já tem tanto trabalho de clima, por que o pessoal não acrescenta um valor numérico? Porque quando eu fiz, eu não estava baseado em nada, eu estava no ar, estava propondo. Quer dizer, vem um aquecimento pré-frontal, depois vem o fluxo polar, tem o avanço, tem o domínio e tem a outra regressão. Agora, por que, trinta anos depois, as pessoas não acrescentam: "olha, tal tempo, a pré-frontal chega entre tantos e tantos graus, depois vem a frente e produz uma chuva de tantos milímetros, depois vem a frente fria, penetra, aí a temperatura abaixa e vai a tantos graus". Quer dizer, o que era qualitativo, agora, com as outras pesquisas e o acúmulo, merece ser modificado. Por mais que eu falasse, nunca nenhum ex-aluno meu se habilitou a fazer isso. Então eu fico um pouco triste. Eu acho que o professor deseja que os alunos o ultrapassem, e não fiquem parados, repetindo o que ele fez.

Eu fico um pouco triste. Eu acho que o professor deseja que os alunos o ultrapassem, e não fiquem parados, repetindo o que ele fez

Aí veio a minha contribuição para o clima. Eu fiz um erro, quer dizer, eu devia ter feito algum artigo. Sair da modéstia de ficar me dirigindo a professores secundários, no máximo aos colegas, e devia ter feito um artigo em inglês, mandado para alguma revista americana, o que não era impossível. Foi só falta de empenho. Nunca quis ser cabotino. Eu sei que eu devia ter feito um artigo de divulgação, dessa história de trocar o conceito do Julius von Hann, de que clima é estado médio sobre um lugar, pelo do Max Sorre, que é o comportamento da atmosfera, habitual, em cima de um lugar. Para você chegar nesse habitual, você precisa mexer nos artefatos da pesquisa, você tem que escolher anos representativos, que são os anos-padrão; você tem que fazer gráficos detalhados, e você tem que fazer toda uma série de procedimentos. E isso que dá a climatologia geográfica, que não é aquela dos meteorologistas.

Agora, depois de muito tempo, eu resolvi fazer um livro em inglês e convidei três colegas. Engraçado, só o João Lima Sant'Anna Neto foi meu bolsista de iniciação à pesquisa, mas ele fez o mestrado e o doutorado já com outros colegas. E o Francisco Mendonça, de Curitiba, nunca foi meu aluno, nem o João Afonso Zavattini. Mas eles são considerados discípulos. Agora, ficou assim: o João Lima fez a tese dele de livre-docência sobre toda a evolução da Climatologia no Brasil, desde

o tempo mais remoto. Ele descobriu que tinha um alemão que eu nunca tinha ouvido falar, até chegar em mim. Então, ele até usa o termo "pré-monteriano". Ele preencheu uma lacuna, brilhantemente. Mas se eu estava interessado em desmanchar aquele nó, como é que eu ia me preocupar com a evolução total da Climatologia? O João Lima fez muito bem a tese de livre-docência dele, e agora fez um artigo menor, que eu mandei traduzir para o inglês. Depois eu entro com a minha história e o clima urbano; e depois entra o Chico Mendonça falando sobre o panorama do clima urbano no Brasil – que já tem um mundo de cidades com estudos e ele fez um mapinha das cidades que já acompanharam o clima urbano dentro da minha perspectiva. Porque, primeiro foi usado pelos arquitetos. Tem uma arquiteta de Minas Gerais que pesquisa clima urbano e conforto térmico, e na tese de doutorado dela tem até as ilustrações do trabalho de Florianópolis. Ela fez uma entrevista para uma revista da Bahia, muito boa, também[4].



Então, agora que eu já me aposentei, não vou ficar fazendo Climatologia. Essas coisas que eu digo que poderia completar, eu poderia estar fazendo. Mas deixe que os outros façam. Eu já me enchi, já dei minha contribuição, não é? Não preciso. E agora, vamos ver se esse livro sai, porque está rolando há oito anos (risos), entre fazer, escrever, traduzir. E estou esperando a publicação do segundo volume do *O Cristal e a Chama.* Aí, acaba, e eu vou escrever sobre outras coisas. O Armen Mamigonian quer que eu faça as minhas memórias, e eu lhe digo: "Não, é imprópria para menores" (risos). Não posso escrever.

BCG: Depois de Florianópolis você foi para Rio Claro e, depois, para a USP, não é?

CA: É, ficou faltando a base institucional. Eu fiquei em Santa Catarina. Na faculdade, teve uma época em que eu dei quatro disciplinas: Geografia Física, Humana, Cartografia e Clima, enquanto chegavam os professores. Foi tudo muito bem, tive o maior apoio, tive bons alunos. Eu sei que estava tudo muito bem. O desembargador Fontes continuava viajando para o Rio, com o Ministério da

4 Entrevista realizada por Eleonora Sad Assis e publicada na Revista de Urbanismo e Arquitetura (RUA), v. 7, n. 1, 2006.

Educação, para fundar a Universidade Federal. Ele era um velho de prestígio, era respeitado por todas as classes políticas, porque ele estava acima do bem e do mal. Era um homem de bem, um cara bacana. Eu pensava que ele era um velhinho chato, baixinho, e eu dizia: "Esse velho deve ser carola". Mas era cabeça aberta, queria dar festa para os alunos namorarem, criarem amizade na faculdade. Ele estava lutando junto ao Ministério da Educação – entrando com a papelada e tudo –, e já tinha conseguido um terreno com o estado. Era uma estação experimental agrícola que estava meio ruim das pernas, então ele conseguiu que o governo doasse para a Universidade Federal. É um velho que eu admiro. Eu tenho uma verdadeira obsessão por ele, porque era, realmente, uma pessoa de caráter, um idealista. Ele começou a fazer uma cartilha para alfabetizar as crianças em Santa Catarina. Depois foi advogado, juiz, foi professor de direito, até que chegou nos 70 e passou para lá.

Agora que eu já me aposentei, não vou ficar fazendo Climatologia (…) Eu já me enchi, já dei minha contribuição, não é?

Então, estava certo que a universidade iria ser federalizada. Agora, para variar, tem um outro, que foi o reitor, que esquece o que o desembargador Fontes fez. Sempre tem um engraçadinho para colher os frutos plantados pelos outros. Mas, em todo caso, estava federalizada. Nesse tempo, o governador aqui de São Paulo, o Lucas Nogueira Garcez, criou os institutos isolados de ensino superior. Em Rio Claro, tinha Geografia, Física, Matemática; Assis era especializada em letras; em Araraquara, era Sociologia; Botucatu tinha uma universidade que tinha medicina. O Zeferino Vaz dirigia Ribeirão Preto, que foi a primeira cria dele.

Engraçado que, naquela época, quando faziam a aula inaugural, era um verdadeiro clube. Uns convidavam aos outros – o Silveira me convidava, e eu ia. Aí conheci Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e várias cidades de São Paulo. Aliás, já fez cinquenta anos que a UFSC foi federalizada. E eu me mandei. O Silveira me convidou para ir para Rio Claro e todo mundo ficou horrorizado: "Como você vai embora, se você está gostando daqui? E a universidade vai federalizar, vai aumentar o ordenado". Eu dizia: "Não, para eu fazer o doutorado em São Paulo, eu preciso ficar mais perto. Aqui está muito bom eu saio de bem com todo mundo". Fizeram um jantar na biblioteca para a minha despedida. Foi uma temeridade, mas eu fiz porque tinha certeza de quem seria o substituto do desembargador Fontes. Era um catarinense, um homem de valor, médico, político, professor de antropologia, mas eu tinha certeza absoluta de que nós iríamos brigar. Eu disse: "Eu vou para um lugar em paz". Inclusive, eu vivi os anos mais felizes da minha

vida em Florianópolis, que era, naquela época, uma capital morta, era a capital da zona açoriana do litoral. Joinville, Blumenau, todas eram mais importantes que ela. Mas era uma cidade bonitinha, calma, a vida era boa. Eu adorei. Hoje, ainda, eu considero que os melhores anos da vida foram esses que eu passei lá.

Os alunos gostavam de mim. Agora mesmo, teve uma aluna que morreu e eu disse: "Ai meu Deus, estão começando a morrer até os alunos. Enquanto são os colegas a gente entende, agora, com a morte dos alunos..." (risos). Uma menina muito querida, que, depois de casada, virou artista plástica. A gente se encontrava no Rio. Agora, perdi uma aluna lá em Santa Maria, a Maria da Graça Barros Sartori. Uma menina ótima, que nunca me deu trabalho, pelo contrário, me ajudava no laboratório. Eu não queria aceitar fazer um artigo, e às vezes ela dizia: "Professor, aceita. A Geografia precisa estar nesse meio. Eu lhe ajudo". Eu dizia: "Então você me ajuda a reunir uma bibliografia, a primeira coisa", aí ela fazia. Maravilhosa. Mas a vida é essa. Vai chegar a hora da gente. Tem os colegas que morrem, depois os alunos. É triste.

BCG: E na USP, você chegou em 68, certo?

CA: Eu fiquei em Rio Claro de 1960 a 1965. Em 1964 eu fiz a grande pesquisa, que foi o marco na minha carreira: *A dinâmica climática e as chuvas no Estado de São Paulo*. Foi feita com o maior sacrifício. Porque eu queria fazer assim: primeiro, uniformizar os dados, quer dizer, não adianta eu pegar uma salada de posto meteorológico, um que tem trinta anos – que é considerado o ideal -, o outro tem quinze e outro, cinco anos. Numa região de clima muito irregular, se você pega uma estação que só tem cinco anos, a média vai mascarar a realidade. Então, primeiro, escolher o número de anos que pode ser uniforme para todos. Deu dezoito anos? Tá, se fosse trinta seria melhor, mas como não pode, em todo caso, vale a pena. Então, foi feito aquilo tudo: o ano padrão, a análise episódica – diária, pelo menos. Depois, desenhamos todos os mapas e fizemos todas as coisas. É um trabalho que a turma de Rio Claro resolveu transformar em CD. Foi uma pesquisa grande, então eu saí e deixei aquilo lá.

Depois, uma porção de colegas estava saindo de Santa Catarina e indo para Brasília. Aí, um colega, professor de arte, que depois foi professor de história do livro, o João Evangelista, me convidou para ir para Brasília. É uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço. Bom, eu disse que não ia para lá, porque tinha tido aquele caso da Revolução, que demitiu uma porção de professores da faculdade por causa do Darcy Ribeiro. E eu disse: "Eu não vou substituir nenhum colega que tenha sido demitido pela Revolução". "Não", ele disse, "esse é um curso

que está nascendo agora. É um curso de Geociências, que já tem Geologia em Porto Alegre, e os rapazes formados lá estão vindo para cá. Então, é para ser um curso de Geociências. Você não vai substituir ninguém". E eu fui, passei o segundo semestre de 1966, e o ano de 1967 inteiro. Nesse ano de 1967, eu já tinha 40 anos e fui fazer meu doutorado na USP, e o Aziz Ab'Sáber me convidou para trabalhar com ele.

Esse trabalho deve ser um dos menores textos de doutorado, porque o grande trabalho, a demonstração toda, estava no trabalho de Rio Claro, que eu fiz com o maior sacrifício. A gente não tinha máquina de calcular. Depois, quando criaram a Fapesp, eu pedi como auxílio uma máquina Summa Olivetti, para poder trabalhar. Porque nós fizemos toda a "calculeira" das séries de chuva emprestando a máquina do Warwick Kerr, aquele biólogo da genética, que teve o caso das abelhas africanas. Bom, o grosso da pesquisa estava lá, então a tese ficou enxuta, ficou pequena. Mas, em todo caso, foi bem. Aí, eu fiz o resto da carreira toda lá. Professor adjunto, professor livre-docente. E aí foi com a tese do clima urbano, a proposta teórica.

BCG: E como foi a experiência de trabalhar durante duas décadas na USP?

CA: A experiência para mim sempre foi boa, porque tive todo o apoio do Aziz. Não no Departamento, mas no Instituto – que era uma anomalia, um Departamento que possui um Instituto, é uma coisa estranha. Eu estava em um congresso, e eu tinha ido passear. Como sempre, dou um jeito de ir até Londres, aí chegou um telegrama dizendo: "Volte imediatamente, você foi nomeado diretor do Instituto". E eu disse: "Eu não pedi, não me candidatei, não sou nem professor titular". Porque o José Pereira de Queiroz Neto e a Lea Goldenstein já eram professores titulares, e eles foram na lista para o reitor escolher. Então, eu disse: "Bom, eu vou voltar quando tinha que voltar". Cheguei e fui lá me apresentar: "Ah, professor, o senhor estava dando uma voltinha por aí?". "Pois é. Estava seguindo meus congressos, como sempre às minhas custas, nunca viajei às custas do governo, e tenho permissão". "Ah, então tudo bem".

BCG: Para fechar, queríamos que você falasse dos seus trabalhos mais recentes, sobre literatura, arte e geografia.

CA: Vocês viram que eu não gostava de clima e fiz tudo para tornar o clima uma coisa mais agradável. Acho que consegui, em boa parte, apesar dos pesares. Dei um outro viés no estudo e na pesquisa de clima e me dou por satisfeito por isso. Não acho que revolucionei o mundo, mas dei uma contribuição, coloquei um tijolo

na construção do muro.

Agora, eu acho que quando a gente chega em um momento, tem que mudar também, porque o mundo muda. A Geografia do meu tempo foi aquela Geografia moderna, científica. Toda a vida vai haver uma nova Geografia, moderna, científica, porque o mundo muda, tudo está mudando, então todas as coisas têm que mudar. Então, eu acho que a Geografia é como um seio de Abraão, uma coisa tão ampla, e acho que a Geografia tem uma ligação, que não se percebe, com a Filosofia. A sabedoria antiga era toda da Filosofia, aí foram saindo as diferentes ciências do corpo da Filosofia. E muitas delas se liberaram. A *hard science*, vejam a distância que ela tem, hoje, da Filosofia. Mas a Geografia tem um vínculo permanente com a Filosofia, tanto é que a Geografia é veículo de educação. Quem é que estuda Geologia, quem é que estuda Economia na escola Primária, para as crianças e adolescentes? Mas os lugares, os acidentes, as coisas tem que ser sabidas, porque você tem que se localizar no espaço. Uma coisa é você obrigar os alunos a decorar os afluentes da margem esquerda e da margem direita do Amazonas; outra coisa é você mostrar a função dos rios, a função das montanhas, o conceito de lugar. Eu acho que a Geografia tem que ter esse vínculo sempre.

Eu acho que a Geografia é como um seio de Abraão, uma coisa tão ampla, e acho que a Geografia tem uma ligação, que não se percebe, com a Filosofia

E a última vez que estive em Londres, achei um livro chamado *Unifying Geography*[5], Geografia Unificada. Uns caras, um de Geografia Humana, um de Geografia Física, juntaram as pessoas para fazer variações em torno desse tema, a Geografia unificada. É uma coletânea muito interessante e o pensamento deles é esse de que a Geografia se distanciou muito da natureza. Então, agora, como sobrevivência, ela tinha que se unificar. A herança dela é essa, conciliar a natureza com a sociedade.

E tenho tanta sorte, que eu estava fazendo esse último *O Cristal e a Chama* e um poeta que eu analiso, o Wallace Stevens, tem uma série de pensamentos em que ele diz assim: "A vida é uma questão de pessoas e não de lugares, mas, para mim, é uma questão de lugares, e esse é o problema". Quer dizer, pessoas, Geografia Humana, lugares, Geografia Física, sociedade e natureza. Agora você vê um cara como o David Harvey. Uma coisa que eu sintonizo com ele, é que ele também gosta de relacionar a ciência com a arte. Em uma das obras, ele analisa um cineasta belga

5 *Unifying Geography: Common Heritage, Shared Future*, de David T. Herbert e John A. Matthews.

que fez um filme interessante. Eu já fiz um trabalho sobre um documentário de cinema do filho do Armen, o *Seo Chico*[6].

Já fiz cinema, já fiz pintura e, agora, não vou ficar repetindo o que eu fiz em Climatologia. Que os outros levem a Climatologia mais para a frente, como eu tentei levar. Então, agora, eu não sou acadêmico, eu não tenho verba para pesquisar. Eu não vou pedir dinheiro a esses CNPqs da vida, Capes e tudo, eu sempre trabalhei sem precisar deles. Então, o que eu vou fazer? Eu tenho que derivar para uma coisa mais gostosa, que me dê prazer. Eu não estou parado, apesar da deficiência. Afinal de contas, 87 anos, que vou fazer agora em março, já pesa. Não é o Niemeyer, mas não quero chegar nesse ponto (risos). Ele ainda trabalhou até mais de cem anos, o que é impressionante. Mas, também, ao ser entrevistado, ele dizia: "A velhice é uma merda". E é mesmo! Eu dizia sempre para os meus alunos e na família – os alunos morriam de rir: "Quando eu fizer cinquenta anos, eu vou comprar uma moto e me meter no trânsito de São Paulo, para ver se eu sou atropelado, porque eu não quero ficar velho" (risos). Mas cadê a coragem (risos)? Esperar a morte não é bom programa.

6 Dirigido e produzido por José Rafael Mamigonian, de 1998.

Sobre o entrevistado

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro: é Doutor Honoris Causa da UFRJ (2000) e professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (2003). Entre suas principais contribuições para a análise rítmica e à climatologia geográfica, destacam-se sua tese de livre-docência – Teoria e clima urbano (1975), defendida no Departamento de Geografia da USP, e também sua tese de doutorado A frente polar atlântica e as chuvas de inverno na fachada sul-oriental do Brasil, defendida na mesma instituição (1967). É autor, entre outras obras, de A dinâmica climática e as chuvas no estado de São Paulo: estudo geográfico sob a forma de atlas (1973), O clima e a organização do espaço no estado de São Paulo: problemas e perspectivas (1976), Clima e excepcionalismo: conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico (1991), Rua da Glória e Tempo de Balaio (1993), Geossistemas: a história de uma procura (2001), Clima urbano (2002), O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas (2002), Geografia sempre: o homem e seus mundos (2008) e O cristal e chama (2013).

Formado em Geografia pela extinta Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em 1950, estagiou na França e trabalhou no Conselho Nacional de Geografia, do IBGE. Nas décadas de 1950 e 1960, foi docente da Faculdade Catarinense de Filosofia, atual UFSC, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, atual Unesp, e do Instituto de Ciências da Universidade de Brasília. Mesmo após sua aposentadoria, contribuiu nos programas de pós-graduação em Geografia da UFSC e da UFMG. É membro titular da Academia de Ciências do Estado de São Paulo. Atualmente reside em Campinas.

* * *

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg

Entrevista realizada em fevereiro de 2014.